

Capanema: o ministro e seu ministério

Angela de Castro Gomes (organizadora)



Sumário

Apresentação <i>Angela de Castro Gomes</i>	7
--	---

Parte I: A imagem

O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual <i>Angela de Castro Gomes</i>	13
--	----

O novo em construção: o edifício-sede do Ministério da Educação e Saúde e a disputa do espaço arquitetável nos anos 1930 <i>Mauricio Lisovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá</i>	49
---	----

Arquivos pessoais e projetos autobiográficos: o arquivo de Gustavo Capanema <i>Priscila Fraiz</i>	73
---	----

Fotografia e propaganda política: Capanema e o projeto editorial <i>Obra getuliana</i> <i>Aline Lopes de Lacerda</i>	103
--	-----

Parte II: As políticas

A I Conferência Nacional de Educação ou de como monologar sobre educação na presença de educadores <i>José Silvério Baia Horta</i>	143
--	-----

A I Conferência Nacional de Saúde: reformas, políticas e saúde pública em debate no Estado Novo <i>Gilberto Hochman e Cristina Fonseca</i>	173
Políticas internacionais de saúde na era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública <i>André Luiz Vieira Campos</i>	195
Saúde, educação e trabalho de crianças e jovens: a política social de Getúlio Vargas <i>Cynthia Pereira de Sousa</i>	221
Gustavo Capanema, ministro da Cultura <i>Daryle Williams</i>	251

Apresentação

Angela de Castro Gomes

A ORGANIZAÇÃO DESTA COLETÂNEA tem como pretexto o centenário de nascimento do intelectual e político Gustavo Capanema, entre muitas outras coisas, ministro da Educação e Saúde de 1934 a 1945, durante a chamada era Vargas. Dizer pretexto parece dizer pouco, mas não é essa a intenção aqui enunciada. Centenários e datas dessa natureza são, por excelência e mesmo por princípio, oportunidades privilegiadas para a reflexão crítica, na medida em que nos permitem um posicionamento e um olhar enriquecidos pela passagem do tempo e pelo acúmulo de conhecimentos. É precisamente esse o pretexto, pois tal momento possibilita retomar uma série de questões que envolvem o primeiro governo Vargas e, em particular, tudo o que ele assinalou na complexa e ampla área da saúde, educação e cultura de nosso país. Portanto, um dos objetivos deste volume é justamente retomar eventos e debates ocorridos nesse período, destacando o papel e o lugar do Ministério da Educação e Saúde e de Capanema, para pensar algumas das intervenções políticas do Estado brasileiro nas décadas de 1930 e 40 em matéria de interesse social, urgente e crucial até hoje.

Além dessa perspectiva de fundo, a coletânea também se construiu sob uma segunda orientação, mais próxima da trajetória do ministro Capanema como pessoa. Esse intelectual e político ocupou, durante sua longa vida — ele faleceu em 1985 —, muitos cargos públicos e funções de outras naturezas, como poderemos ver pela leitura dos textos aqui reunidos. Durante todo esse tempo, acumulou “papéis”, o que é até certo ponto natural, em se tratando de personagens que têm destaque público. Tais “papéis”, quando se referem ao exercício de tarefas vinculadas ao poder público, são recolhidos por instituições arquivísticas também públicas — no caso de um ministro de Estado, como Gustavo Capanema, pelo Arquivo

Nacional. Mas também é comum que tais personalidades acumulem “papéis” de outro tipo, vale dizer, que extrapolam suas funções oficiais, embora possam, evidentemente, ter com elas alguma ligação.

No caso de Capanema, porém, existe uma diferença. Como muitos outros homens públicos, ele acumulou uma documentação privada; só que esta adquiriu um relevo absolutamente fantástico pela quantidade e pela qualidade do que foi retido. Além disso, tal documentação foi por ele mesmo doada, em 1980, a uma instituição — então pioneira no Brasil — que se dedica à guarda, preservação e abertura para o público de todo o acervo sob seu controle. Trata-se do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, o CPDOC, órgão da Fundação Getúlio Vargas, situado no Rio de Janeiro. Quando chegaram ao centro, os “papéis” privados de Capanema causaram verdadeiro impacto. Basta dizer que o arquivo privado de Capanema encerra nada mais nada menos que 200 mil documentos, incluindo discursos, notas, cartas, textos os mais variados e fotografias, entre outros.

A chegada de tal volume de material exigiu quase que uma duplicação de esforços da instituição para dar conta do trabalho que se anunciava. Ao mesmo tempo, era óbvia a importância do que se recebia, tanto do ponto de vista estritamente arquivístico quanto do ponto de vista histórico, considerando-se quem era Capanema e quais haviam sido seus contatos políticos. De imediato, além dos documentalistas que se debruçaram sobre o acervo, visando a tratá-lo para futura abertura ao público — o que demandou anos —, alguns pesquisadores do CPDOC iniciaram um projeto de investigação. Sob a coordenação de Simon Schwartzman, Helena Bomeny e Vanda Costa, produziram o livro *Tempos de Capanema*, publicado em primeira edição em 1984 e reeditado neste centenário.

Após a liberação dos “papéis” de Capanema e graças ao livro já existente, muitos pesquisadores nacionais e estrangeiros vieram ao CPDOC para consultá-los. E esse foi o ponto de partida para o segundo objetivo desta coletânea. Ela visa não só a refletir sobre os tempos de Capanema, como também a mapear e reunir, embora parcialmente, uma série de pesquisas que se voltaram sobretudo para o seu arquivo privado. Este é, portanto, um livro que fala de educação, saúde e cultura, mas também de arquivos privados e do tipo de documentos que neles se encontram, os quais se prestam a pesquisas que remetem a várias áreas do conhecimento.

Por conseguinte, os autores dos textos aqui reunidos foram convidados a participar deste volume por terem uma ligação particular não só com os temas que o arquivo abrange, mas também com o próprio fundo documental. A coletânea foi dividida em duas partes. Na primeira, intitulada “A imagem”, não por acaso estão reunidos pesquisadores que tiveram ou ainda têm vínculos com o CPDOC, três dos quais foram fundamentais

para a organização inicial do arquivo. Por essa simples razão, a meu juízo, tinham de estar presentes nesta iniciativa. São eles: Priscila Fraiz, que apresenta um texto sobre a dimensão autobiográfica do arquivo Capanema, tema só passível de tratamento por quem é “íntimo” do ministro; e Mauricio Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá, que discutem o projeto (político e arquitetônico) da sede do ministério e tudo o que ele representou e representa. Embora tais textos não sejam inéditos, esta coletânea é uma oportunidade para dar-lhes maior divulgação, já que circularam inicialmente entre um público bem específico.

Fazem parte ainda de “A imagem” o meu texto, que abre a coletânea e explora a fundo a farta correspondência de Capanema — praticamente incólume em termos de pesquisa —, e o de Aline Lopes de Lacerda, que privilegia a documentação visual do acervo (igualmente pouco pesquisada), em particular um conjunto de fotos reunidas na *Obra getuliana*. Todos os quatro textos, trabalhando com documentação bem distinta, como se pode perceber, convergem para o esforço de construção de uma imagem do ministro, de seu ministério e do regime Vargas. Assim, já nessa primeira parte vai ficando clara uma das importantes contribuições do volume: a reflexão sobre as ambigüidades de figuras políticas como Capanema e Vargas e de um período autoritário e cheio de iniciativas na área social como foi o Estado Novo. A orientação firme, mantida em todos os artigos, é não cair em maniqueísmos simplistas, ressaltando-se, como dimensões para o bom entendimento da história, as circunstâncias políticas do período e o leque de opções dos atores que o viveram, inclusive com as transformações sofridas em sua trajetória.

A segunda parte da coletânea visa a discutir “As políticas” do ministro e de seu ministério. Nela estão presentes professores de várias universidades brasileiras e um professor estrangeiro, Daryle Williams, que acaba de concluir uma tese centrada na política cultural do Estado Novo. Seu texto encerra o volume, instigando o leitor a pensar em Capanema como ministro “da Cultura”, além de ministro da Saúde e da Educação. Para situar a atuação de Capanema nestes dois últimos campos, quatro textos contemplam políticas polêmicas, sobretudo por seus desdobramentos. José Silvério Baia Horta acompanha a I Conferência Nacional de Educação, e Gilberto Hochman e Cristina Fonseca, a I Conferência Nacional de Saúde, ambas pouco exploradas pela literatura especializada, como aliás é ressaltado. Estabelece-se assim um rico diálogo entre os dois textos, o que ilumina o contexto do começo da década de 1940, após o início da II Guerra. É essa, aliás, a moldura principal do texto de André Luiz Vieira de Campos, centrado nas relações Brasil-Estados Unidos, particularmente na montagem de políticas de saúde que visavam a receber os americanos nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Finalmente, reunindo educação, saúde e trabalho, para crianças e jovens, preocupação fundamental de Capanema e do Estado

Novo, temos o texto de Cynthia Pereira de Sousa, que destaca, por essa via, a importância da família e da mulher nas políticas sociais do período.

De todas essas contribuições emerge a figura de um ministro impositivo e centralizador, bem de acordo com a orientação básica do regime estado-novista. Ele trabalha em seu ministério — no duplo sentido da palavra — de forma quase obsessiva, implementando políticas que sem dúvida são inovadoras e que até certo ponto desafiam outros interesses políticos existentes no aparelho de Estado. A questão federativa é um ponto importante nessa reflexão, pois em vários artigos podemos perceber a manutenção discreta da resistência das representações estaduais ao “unitarismo” do ministro. Além disso, a percepção da necessidade de diálogo com intelectuais de vários tipos, tendo em vista a formulação e a execução de planos competentes e de largo alcance, é outro exemplo do processo de negociação que um ministro e um ministério como o de Capanema devem promover. Cooptação é, afinal, uma forma de negociar politicamente que implica o reconhecimento das virtudes e poderes daqueles com quem se está em interação, ainda que em posição de inferioridade. É aquela velha piada da “velocidade” política para se afastar de local perigoso: nem tão depressa que pareça medo, nem tão devagar que pareça provocação.

Evidentemente, muito mais se poderia reunir numa coletânea como esta, num momento especial como o centenário de nascimento de Capanema. Mas é o suficiente para o leitor avaliar o muito que se pesquisou sobre os temas aqui tratados e o muito que o arquivo privado de Capanema já ofereceu, retribuindo os esforços nele empregados. Contudo, o mais importante a assinalar é que ainda há muito por fazer, sendo a leitura um convite para novas e mais ousadas investigações de historiadores, sociólogos, arquivistas, arquitetos, médicos, enfim, todos aqueles interessados em cultura e políticas sociais no Brasil.

Um livro se faz com autores e editores. Quando me dirigi aos colegas, solicitando sua colaboração, só tive boas acolhidas. Por isso, registro aqui meus agradecimentos aos que aceitaram acompanhar-me nessa empreitada e espero ter correspondido à sua confiança. Do mesmo modo, quando procurei Alzira Abreu, da Editora FGV, e Marcos César de Freitas, da Universidade São Francisco, encontrei boa receptividade. Sem todos eles, com certeza, não teria sido possível alcançar este resultado.